

Roberto

Gravação às 14,30.

MINHA BONECA

(Original em 3 atos de Erico Gramer)

CONTROLE - CARACTERÍSTICA MUSICAL, FUNDE COM MUSICA SUAVE QUE PERMANECE EM B/G.

Aloísio - Eu tive uma boneca. "Uma boneca?" - dirão todos vocês admirados.

Sim, uma boneca. Ainda que seja um brinquedo de menina, eu a tive... e depois de homem feito. Era clara, tinha os cabelos encaracolados, e os olhos de um azul tão luminoso, que dir-se-ia dois pequenos lagos tranquilos, refletindo toda a beleza de um pôr de sol de primavera. Era eu um homem já maduro, quando a vida m'a trouxe de presente. Chorava... ria... mamava... e dormia no seu berço de arminhos e de rendas, o sono tranquilo dos anjos que desconhecem a maldade do mundo e os desenganos da vida. A vida, essa madrasta terrível que jamais nos perdôa o pecado de ~~viver precarmente~~ resistir aos seus embates, cobrou-me um preço bem alto quando poz Elisabeth nos meus braços; para que ela sobrevivesse, fez com que sucumbisse a minha esposa adorada, com quem eu estivera casado apenas cinco anos. Dera-me um bem... outro bem me roubava. O que foi a minha dedicação durante os seis anos em que ^{eu} tive comigo, aí estão todos aqueles que me conheceram para poder atestar. Dia a dia, hora a hora, minuto a minuto, acompanhei o seu desenvolvimento, velando o seu sono, quando dormia, ou vivendo, com ela, os seus passeios e as suas travessuras infantis. Depois... (tom) Para que relembrar? Eu não devo falar do que passou. De que me adiantariam os nove anos de ausência voluntária si, agora que volto, me parasse a evocar o que busquei esquecer com tanto empenho? Não, não! Não quero pensar. Eu preciso esquecer o que ficou para traz. Não me perguntem nada porque eu ~~me~~ ^{nada} lhes direi, ouviram? Que lhes importa a minha vida? Eu, por acaso, perguntei alguma vez, a quem voltou, a razão da sua volta? Que me importa lá as razões que ~~possam ter?~~ ^{tenham tido?} Voltaram porque quiseram, ~~volta~~ e eu também volto porque tive vontade, ^{de voltar e} pronto. Sou senhor absoluto da minha vida, tenho dinheiro bastante para não depender de ninguém e está acabado. (Pausa) Eu não devia ter dito àquele sujeito, à bordo, o que vim fazer aqui. Que tinha ele a ver com isto? Nada. Absolutamente nada. Nem sequer conversamos durante a viagem toda... Que tinha ele que me fazer perguntas? É claro... Diante do inesperado, eu me senti num embaraço tremendo e acabei por lhe dizer a verdade: "Venho... venho para os quinze anos

Robert
Melvin
Robert
Maria Fernanda

Aloísio
Adalberto
Guisele
Elisabeth

de minha filha. Eu não desejava vir, mas... ela me pediu com tanto empenho..." Ele chegou a começar uma outra pergunta, mas deixei-o a falar sosinho e me recolhi ao camarote. E agora estou aqui... à frente de minha casa... sem coragem ^{sem coragem} para bater... de entrar. E foi também uma boneca a causa da minha saída brusca e dos meus nove anos de ausencia. (Pausa e tom) A boneca era loura, também e tinha, como ela, os cabelos encaracolados e os olhos de um azul profundo e luminoso. E estava sempre onde não devia estar: sobre a minha mesa de trabalho, na minha poltrona de leitura, na cabeceira fronteira à que eu costumava me sentar nas horas de refeição, na "bergère" de setim azul "pervanche" que havia sobre um canto do meu quarto de dormir... na biblioteca, no hall, na sala de armas, no jardim de inverno... sempre, sempre aquela mesma boneca, a olhar para mim com os mesmos olhos de Elisabeth. Eu a comprei no "Bazar Riviera", justamente porque a achei parecida com minha filha. Isso aconteceu no dia em que a menina fazia quatro anos. Sua alegria foi tanta que, justamente por isso, o meu desgosto, depois, veio a ser muitas vezes maior.

C/REGRA - SETE BADALADAS DE SINO, ESPAÇADAS E AFASTADAS.

Aloísio - (depois da última badalada) ^{sera?!..} Sete horas já?!... Será possível que eu tenha ficado parado à frente desta porta pelo espaço de mais de uma hora? Não pode ser. O Sacristão da Matriz de Nossa Senhora das Candeias deve estar com o seu relógio muito adiantado. (Pausa) ^{Não!} Não. Ele está certo. O meu relógio está marcando, também, sete horas. Sete horas e dois minutos. ~~pobre do Idalino, a estas horas,~~ deve estar convencido de que o trem se atrasou. E deve estar ansioso para rever-me, o dedicado negro velho.

C/REGRA - CIGARRA AFASTADA. (ELA VAI BATER DENTRO DE CASA. NÓS ESTAMOS FORA)

Aloísio - Que exemplo de dedicação e lealdade o desse pobre ^{homem} ~~velho!~~ Era outro que eu precisava afastar da minha presença para sepultar o passado, mas seria uma ingratidão que eu não me atrevo a cometer. Ele morreria, coitado, de mágoa e desencanto.

C/REGRA - PORTA QUE SE ABRE.

Aloísio - (depois de ^{emoção} pausa) Sou eu, Idalino.

Idalino - (quasi chorando de comocão) Nhônô! Nhônôsinho!... Entra, meu fio, entra. O nêgo véio tava mêmo insperando mecê. Dimorô munto o trem,

num foi meu fio?

Aloisio - Demorou, sim, Idalino.

C/REGRA - ENTRA ALOÍSIO. PORTA SE FECHA. PASSOS DE ALOISIO, SEGUIDO DE PASSOS, ARRASTADÔS DO VELHO.

Idalino - A bagagia, nhônhô, donde que tá?

Aloisio - Aqui. Trouxe apenas esta mala. A demora não será muita, meu velho.

Idalino - Que lásti, meu fio. O nêgo véio tava tão cuntento. Ele fica mêmo burricido de vivê anssim sólito drento dessa casa tom grande.

Aloisio - Uma sombra a mais, arrastando-se por estas salas e corredores, pouca diferença ha de fazer, Idalino.

Idalino - Num diga isso, nhônhô. Só a presença do meu fio já é bastante pa alegrá o coração desse pobre véio.

Aloisio - Eu andava tão irritado, tão nervo... brigando sempre contigo pe las menores coisas... sempre pensei que tivesse te causado alívio a minha ausencia.

Idalino - Credo em cruz, nhônhô! Virge Maria! Meu fio tava pensando que o nêgo véio num sabia cumprêde que o nhônhô tava duento?

Aloisio - (depois de pausa, grave) Era sempre por causa da boneca que nós brigavamos. Lembras-te?

Idalino - Me alembro, sim, nhônhô. Nêgo véio se alembra, cumo não?

Aloisio - Eu não sabia, Idalino. Eu não podia acreditar... que alguém pudesse voltar daquela viagem. E foi por isso... que tantas vezes brigamos e tantas vezes te chamei de mentiroso. (Pausa e tom) Bem, mas não vamos falar sobre isto, agora. Preparaste alguma coisa para a minha ceia?

Idalino - Nêgo véio perparô, sim, nhônhô. Um cardinho de galinha cum pãosinho torrado e um assadinho de forno.

Aloisio - Foi bom que tivesses te lembrado disto, porque eu não desejo sair para comer fóra, nem receber ninguem aqui em casa. Quero estar sósi nho com ela no dia do seu aniversário e, já no dia seguinte, me afas tar novamente deste cenário onde as sombras me envolvem e me opri mem o coração.

Idalino - O nhônhô qué cumê agorica mêmo?

Aloisio - Não, não. Primeiro vou subir ao meu quarto, tomar um banho, botar meu rôbe e meus chinelos e depois, então, descerei para tomar o teu

assado que fizeste.
caldinho e comer o ~~seu assado~~. (Tom) Não, não, Idalino. Deixa a mala que eu levo. Não está pesada, mas a escada é alta. Vai preparar a minha ceia que dentro de vinte minutos, no máximo, eu estarei descendo.

CONTROLE - PASSAGEM MUSICAL PARA SEPARAÇÃO.

Aloísio - Muito bom tudo o que fizeste, Idalino. Continuas sendo um ótimo cozinheiro.

Idalino - Não parece que nhônhô tivesse gostado e achado tudo bom que o negro veio fazer. Quagi num comeu nada.

Aloísio - Se ainda conservas perfeita a memória, debes estar lembrado que nunca caí de muito comer.

Idalino - Verdade, sim, nhônhôsinho. Negro veio se alembra, até, que muitas vezes a nhônhã mandava freventá um mucado d'agua, móde o nhônhô tumá um ovo depois do armoço ou depois da janta.

Aloísio - Pois então? Eu não mudei nada, Idalino, nesses nove anos ^{em} que estive ausente. Absolutamente nada. Continuo o mesmo homem... com os mesmos hábitos... e a mesma maneira de sentir, infelizmente. Talvez uma única coisa tenha sido abalada, em mim, com o decorrer desse tempo: a minha crença. (Pausa e tom) Mas não falemos disso, agora. Vejo que, aqui, tudo continuou da mesma maneira, apesar da minha ausência.

Idalino - Tudo, nhônhô.

Aloísio - A mesma disposição dos móveis... os mesmos objetos... e tudo nos mesmos lugares, exatamente como eu deixei, quando parti.

Idalino - Tudo, nhônhô.

Aloísio - Só não entrei, ainda, no quarto dela. Faltou-me a coragem.

Idalino - Tá tudo nos mesmos lugares, também, nhônhôsinho. Tãzinho como inhante.

Aloísio - Até... (Pausa) Até a boneca, Idalino?

Idalino - Não, meu fio. A boneca, não.

Aloísio - Onde... onde ela está?

Idalino - Depois daquela noite... negro veio fechô ela dentro dum baú de ferro que tá no purão e nunca mais tirô ela de lá. Ficô sempre lá em baixo.

Aloísio - (pensativo) Depois daquela noite... Quanta coisa aconteceu, depois daquela noite! Às vezes começo a pensar em tudo e me surpreendo com o poder extraordinário que possui o tempo de modificar até mesmo as nossas crenças. É como se Deus se encarregasse de nos fazer ver, através dele, que o que acreditávamos certo está errado e que as coisas que

nos pareciam absurdas fantasias, podem existir realmente... e existem de verdade. Este mundo é um enigma, Idalino. Este mundo é um grande mistério. E de nada nos adianta procurar conhecer a solução dos problemas da vida, antes que o tempo nos tenha pôsto à frente dos olhos o "porque" de cada uma das nossas aflições e a razão verdadeira de cada uma das nossas lágrimas. Tudo tem o seu tempo e ao seu tempo nos chega.

Idalino - Deuse N_ossô Sinhô é Pai de nós tudo, nhônhôzinho. É só o que o nêgo véio sente drento do coração dele. (TOM) Bem, tú deves estar cansado e tens, ainda, que arrumar a louça do jantar. Eu vou ler um pouco na biblioteca e depois vou me deitar que amanhã preciso levantar muito cedo. Vai fazer o teu serviço e assim que termines, trata de descansar também. Hoje foi um dia de mais trabalho e bastante emoção para ti. Estás bastante velho e precisas poupar um pouco as tuas energias.

CONTROLE - PASSAGEM MUSICAL PARA SEPARAÇÃO.

C/REGRA - ONZE BATIDAS DE RELÓGIO, ESPACADAS E AFASTADAS.

Idalino - (afastado) Dá licença, nhônhôzinho?

Aloísio - (perto) Idalino! Você ainda acordado a esta hora da noite? Acabam de bater as onze.

agora: Passos arrastados se aproximam;
Idalino - Nêgo véio num quíz se recoiê, mais ante de priguntá pro nhônhôzi no si qué tumá alguma cousa inhante de drumi. Nhônhô cumeu tom pouco.

Aloísio - Não quero nada, não, Idalino. Não costumo tomar coisa alguma antes de dormir.

Idalino - Nhônhô num vai sinti frio de noute? Tem só um cubertô na cama.

Aloísio - Bom, isso sim. Eu estou ficando muito friorento, à medida que vou envelhecendo. Si tem outro cobertor, seria conveniente deixá-lo nos pés da cama.

Idalino - Tem otro, sim, nhônhôzinho. A quistã é que... (Pausa)

Aloísio - Qual é a questão? Fala.

Idalino - Nhônhô quando foi de viágia deu as cuberta quagi tudo... ficou só um cubertô na cama da minina. (Pausa) Pode sê aquele mêmo?...nêgo véio vai buscá êle.

Aloísio - (rápido) Não, Idalino, espera. (Pausa) (TOM) Pode. Pode ser, sim. Vai buscá-lo e deixa-o nos pés da minha cama.

C/REGRA - PASSOS ARRASTADOS SE AFASTAM UM POUCO.

Aloísio - Espera Idalino.

C/REGRA - PARAM OS PASSOS.

Aloísio - Eu vou com ~~tiço~~ lá no quarto dela.

CONTROLE - PASSAGEM MUSICAL RÁPIDA.

Idalino - Nhônhô... nhônhô vai memo intrá?

Aloísio - Por que? Achas... que não devo fazê-lo?

Idalino - Nêgo véio num qué achá nada, não, nhônhô. É que o nhônhô pode ficá triste e depois num pudê drumi. Nêgo véio vai solito e o nhônhô fica insperando cá da banda de fóra. É mió.

Aloísio - Não, Idalino, não. Eu hoje sinto necessidade de espicaçar a minha ~~saudade~~, de fazer com que ela dê bastante para que eu tenha a certeza total de que ainda não me abandonou a lembrança de minha filha.

Idalino - Tá bão... já que o nhônhô insséste...

C/REGRA - RUIDO DE CHAVE QUE DÁ VOLTA NA FECHADURA. PORTA QUE ABRE.
(depois de pausa)

Aloísio - Vamos... vamos entrar, Idalino.

C/REGRA - PASSOS DE DUAS PESSOAS, SENDO QUE UMA OS PASSOS SÃO ARRASTADOS.

Aloísio - (depois de pausa, profunda emoção) Tudo... como antes... Tudo como ela deixou... quando partiu!... // A cama desfeita... os livros de história... o vestido azul... os sapatinhos de verniz preto com pulseiras na perna... a cadeirinha de embalo... // Com todos estes anos que foram passados... tudo está perfeito. Nem sequer as figuras coloridas da caminha e do armário perderam a vivacidade das suas cores. // Tudo como antes!... Com a mesma vida e o mesmo colorido daquele instante amargo que ela me deixou!... (Pausa e tom) Agora sim... Agora posso verificar que a dor da sua ausência ainda dói no fundo do meu peito com a mesma e desesperada intensidade!... Mas era assim mesmo que eu desejava que acontecesse. Eu não queria que o tempo vencesse a minha saudade, embora eu tivesse fugido dela, como um covarde que sou. A minha saudade!... // A minha grande e infinita saudade!... // Nem o tempo e nem a distância tiveram forças para sufocá-la!...

Idalino - (espanto, abafado) Nhônhô!... Nhônhôsinho!... Veje, nhônhô! Veje!...

Aloísio - A boneca!

Idalino - Num foi o nêgo véio que butô ela ali, nhônhôsinho, aquerdite. Nêgo véio jurá pulas arma do purgatóriu que dexô ela fechada lá em baixo, no purão e nunca mais mexeu no baú, sinhôsinho! *Cumo foi que ela apareceu em riba da cama da minininha, o nêgo véio jurá que num sabe.*

Aloísio - Eu sei, Idalino, eu sei. Não é preciso que você fique assim, preocupado e nervoso. Muitas e muitas vezes eu briguei com você por causa dessa boneca, acusando-o injustamente, mas agora... não brigarei mais. Agora, Idalino... agora eu sei quem a ~~bras~~^{Froux} ao meu encontro!...

CONTROLE - CARACTERÍSTICA FORTE, PARA FINAL DO 1º ATO.

PUBLICIDADE

2º ATO

Idalino - O nhônhô aquerditax no nêgo véio? Sabe que num foi ele que tirô a buneca lá do baú?

Aloísio - Sei, Idalino. Sei e vou te dizer os motivos que me levaram a não ter dúvidas sobre a tua inocência. Antes, no entanto, quero reavivar, na tua memória e na minha, os acontecimentos desenrolados nesta casa, desde aquela noite em que ~~Maria Alice~~^{Elisabeth} adoeceu gravemente. Senta-te e ouve-me. (Pausa) Era uma noite terrível de tempestade e o vento gemia com fúria, lá fóra... (segue, sem parar)

CONTROLE - ENTRA COM VENTO DE TEMPESTADE EM FUNDO, PERMANECENDO SEMPRE EM B/G.

... fustigando as árvores que se contorciam, desesperadas, gemendo a cada chibatada daquele senhor impiedoso e violento. De quando em quando, o brilho de um clarão riscava o céu e um frêmito de angústia envolvia a alma da gente.

CONTROLE - DE LONGE EM LONGE BOTA UM TROVÃO SURDO, A DISTANCIA, COMO UM PRENÚNCIO DA TEMPESTADE QUE SE AVISINHA.

Aloísio - ~~Maria Alice~~^{Elisabeth} aparecera com febre e com vômitos, logo depois de termos terminado o nosso jantar. Pensei, logo, numa ligeira indisposição de estômago e tratei de dar-lhe, em seguida, um digestivo qualquer. Não me lhorou. A temperatura continuou subindo e os vômitos se acentuaram. Foi então que decidi chamar o doutor Gonzales, que não se fez esperar. Momentos depois de haver chegado, com a aplicação de uma injeção qualquer, ele fez parar os vômitos, mas a febre continuava em franca acensão. ~~Maria Alice~~^{Elisabeth} estava presa de um abatimento tão profundo, que apenas o movimento respiratório do seu peitinho frágil ~~é~~ nos revelava um sôpro de vida naquele corpinho doente. O doutor Gonzales permaneceu a noite toda à sua cabeceira e, pela madrugada, quando lhe entreguei o resultado de alguns exames que mandara fazer no laboratório, disse-me preocupado...

CONTROLE - LEVANTA A TEMPESTADE EM FUNDO/FUNDINDO COM CHUVA TORRENCIAL QUE PERMANECE DEPOIS EM FUNDO ATÉ NOVA RUBRICA.

X Gonzales (sotaque hespanhol) Está me preocupando muito o estado desta menina.

Aloísio - (ansioso, mas contido) Por que, doutor Gonzales? O que pensa o senhor que possa ser?

X Gonzales - No se pode facer, ainda, um dianóstico preciso, mas de qualquer forma o que me deixa mas apreensivo é o resultado destes exames. Eles no son nada animadores e nos deixam prever muitas possibilidades de una grave enfermidad.

Aloísio - Não, doutor, por favor! Não aumente ainda mais a minha angústia com o seu pessimismo. Lembre-se que minha filha é tudo quanto me resta no presente.

X Gonzales - Meu presado amigo, eu lhe digo com toda a franquesa que usei sempre com os meus clientes, que o momento mas doloroso para um médico consciente dos seus deveres, é aquele em que ele se vê obrigado a confessar que no se sente com fuerça bastante para salvar una vida que le puseron en las manos. E es doloroso no solo porque el se sienta impotente para evitar as dôres humanas como porque es quando llega à conclusom de que foran inútiles todos os años em que estudiô, con empenho, huesos, visceras, músculos e toda esa cantidad de pequenos mistérios que facen o grande mistério de la vida humana. Ninguno sabe mejor o quanto es terrible sacar-se la esperanza a uno, || pero dar-la hoy, para quitar-la mañana, es mil veces peor. Y por eso, yo no la doy nunca, sin tener la certeza de la enfermedad que combato. Y esa certeza, desgraciadamente, no la tengo ahora.

Aloísio - Faça tudo, doutor! Faça tudo para salvar minha filha.

X Gonzales - No es preciso que me pida usted. Mi dever, como médico, es de facer todo y puede usted quedar-se tranquilo que yo hare ~~todo~~ lo que pueda. Nó precisa tener dúvidas, amigo Aloísio.

CONTROLE - LEVANTA A TEMPESTADE EM FUNDO PARA VOLTAR A B/G. MOMENTOS DEPOIS.

Aloísio - (narrando) Um temporal mais forte do que o que estava caíndo lá fóra, desencandeara-se, naquele momento, dentro de mim, do meu coração aflito e angustiado, que batia em ritmo acelerado e desconcertante, doendo, como chicotadas, cada uma das suas batidas. A noite toda vi lei a pequenina enferma, acompanhado ~~por~~ daquele admiravel amigo que foi o doutor Gonzales. Pela madrugada o corpo pequenino e frágil de

Elisabeth
~~Maria Alice~~ todo se contorceu numa espécie de convulsão em que ela cerrava com força as mãosinhas e agitava a cabeça com desespero. O doutor Gonzales, sempre atento e vigilante, desdobrava-se em cuidados e providencias, tomando-lhe o pulso, de minuto a minuto, e aplicando-lhe todos os medicamentos que se faziam necessários. Duas horas depois da primeira convulsão, visivelmente fatigado e abatido, (afastando a voz do microfone) com voz grave e pausada ele me falou.

CONTROLE - SOBE RÁPIDAMENTE O RUIDO DE CHUVA E TORNA A B/G.

X Gonzales - Graças a Deus conseguimos vencer a primeira crise, mas, infelizmente, outras crises poderan ainda suceder e eu no desejava assumir una responsabilidade tan grande asi sosinho; por eso desejava pedir ao amigo que fizesse vir um ou dois colegas de sua libre escolha, para que eles vissem a menina, para que a examinassem tambien... para facermos, emfim, una conferencia. Quatro ou seis olhos enxergan mas do que dós y es possible que eles vejan una soluçon que eu no consigo ver.

CONTROLE - SOBE RÁPIDAMENTE O FUNDO E VOLTA A B/G.

Aloísio - Imediatamente providenciei na vinda de mais dois médicos de fama que, pelo espaço de uma hora, conferenciaram com o doutor Gonzales. Àquela altura dos acontecimentos, eu já me encontrava com a cabeça completamente zonha e incapaz de raciocinar. Ouvia falar em pólio esfealite, em póliomielite, cerebroma e tantas outras coisas que soavam aos meus ouvidos como simples vocábulos, sem siquer alertar os meus sentidos para o perigo atroz que qualquer uma delas representava. Quando os dois outros médicos saíram e eu tornei a ficar sózinho com o doutor Gonzales, foi que ele me fez melhor compreender o desespero e a gravidade da situação. (afastando) Arrastou-me para ^{dquel} canto do quarto e...

CONTROLE - SOBE RÁPIDAMENTE O FUNDO E VOLTA A B/G.

X Gonzales - Es por demais dolorosa a verdade, meu amigo, mas eu no posso furtar-me ao dever de dize-la: desgraçadamente a conclusom a que chegamos es de que a menina está com un tumor cerebral y no tenemos nenhuma esperança de conseguir salvá-la. (Pausa longa) Ouviu bem o que eu disse, meu amigo?

Aloísio - (depois de pausa) Ouvi, doutor.

X Gonzales - (depois de pausa) Si desejar ouvir a opinion de otros colegas, dei-xo-lhe completamente à vontade para mandar vir a quem quizer, sem nenhum constrangimento por pensar que eu ^{me} pôssa aborrecer, hein?

Aloísio - O senhor me diz que, na sua opinião, ela está perdida, não é?

X Gonzales - Desgraçadamente, para o senhor... e para mi.

Aloísio - A opinião do doutor Batista e do doutor Marques é a mesma sua; não é isto?

X Gonzales - Exatamente a mesma.

Aloísio - Que me adianta, então, mandar vir outros colegas, ^{seus? Para ouvi-los} ~~para ouvir, para~~ dizer ~~tambem~~ ^{que eles não podem fazer nada?} ~~para salvar Maria Alice?~~ (Pausa e tom amargo) Desculpe, doutor Gonzales, mas os se-nhores precisariam estudar três ou quatro vezes mais do que estuda-ram, para não serem assim, vergonhosamente, derrotados por uma enfer-midade que os senhores pensam saber qual é mas que confessam, com despudor irritante, não conhecer o meio eficaz de combatê-la. (Pausa e tom) Quer um conselho meu, doutor Gonzales? Rasgue todos os seus tratados de medicina, bote no fôgo toda a sua biblioteca especiali-zada, venda todos os seus aparelhos de cirurgia como ferro velho, porque a verdade é que quando a morte não quer ceder às experiencias e apalpadelas dos senhores da medicina, os senhores nada podem ou conseguem fazer para detê-la. Livros... tratados... conferencias... aparelhos e o que mais possa haver... tudo isso são balelas diante da morte. Balelas! Tudo balelas!... Tudo balelas!...

CONTROLE - SOBE O FUNDO POR MOMENTOS, BAIXA E FUNDE COM MUSICA TRISTE QUE DE-POIS SUBSTITUIR A INTERSTADE EM B/G.

Aloísio - (narrando) O bonissimo e compreensivo doutor Gonzales ouviu, sem ^{con-} ~~lix~~ testar ~~de novo~~, toda a minha revolta. Compreendeu a inutilidade de palavras que soariam ôcas aos meus ouvidos e limitou-se a dar-me duas palmadi-nhas carinhosas no hombro esquerdo, voltando, em silencio, para jun-to ~~do pequeno enfermo~~ ^{depois desta cama.} As onze horas da manhã... nova convulsão. Novo e titânico esforço do doutor Gonzales que, ainda dessa vez, con-seguiu vencer a crise ^{tremenda} ~~grave~~, mas, infelizmente, com terriveis perdas e maiores danos. Minha filha estava com todos os seus membros paralisados e os seus olhinhos claros, embora se movessem, ainda, den-tro das ^{maceradas} ~~pálpebras~~ eram como dois pedacinhos de vidro fôcco que já nem refletiam ^{mais} ~~mais~~ a luz que vinha de fora. Estava cega. Muitas

horas permaneci sentado ^{aqui, ao seu lado,} ~~ao lado de sua cama,~~ atento às suas menores contrações, agarrado, com desespero, à esperança de um milagre que a piedade de Deus talvez fizesse. Lembro-me que senti baterem todas as horas da tarde, até às cinco. Logo depois, cansado da vigilia e minadas as minhas energias pela angústia sempre crescente, o sono cerrou-me as pálpebras e eu adormeci debruçado sobre ^{esta grade da cama.} ~~a grade lateral da pequenina~~ ~~na cama.~~ Uma hora depois... quando acordei... minha filha deixara de existir. Lembro-me, como se fôsse agora, da figura do doutor Gonzales, erecto e digno, olhando-me ^{daquela outro lado} ~~do outro lado da pequenina~~ ~~cama,~~ com um olhar de profunda e infinita piedade. Como se houvesse apercebido que eu ainda não despertara para a brutal e chocante realidade que se apresentava, implacavel e nua, à frente dos meus olhos, tomou, delicadamente, as mãosinhas de minha filha, cruzou-as sobre o pequenino peito e, ^{deste mesmo,} desdobrando a ~~barra do~~ lençol de linho azul hortencia, ~~onde haviam,~~ ~~bordados,~~ ~~uma porção de pequenos pintinhos amarelos,~~ tapou, com ele, o rosto da pequenina morta. (Pausa) Só então despertei realmente.

CONTROLE - SOBE O FUNDO RAPIDAMENTE E SOME.

Aloísio - Ela... foi embora?

X Gonzales - Descansou, a pôbresinha.

Aloísio - Não... não ha mais nada a fazer?

X Gonzales - Desgraciadamente... nó.

Aloísio - (Pausa) E dizem que Deus é bom! E dizem que os médicos curam! Deus é um calhasco impiedoso e os médicos não sabem nada! (desata a soluçar, perdidamente). *Os médicos não sabem nada!... (chora)*

CONTROLE - AO SINAL DA DÍBACA, ENTRA RAPIDAMENTE COM CORTINA MUSICAL, TRISTE, QUE FICA DEPOIS EM FUNDO.

Aloísio - (narrando) ^{tornei a esta,} ~~volta a~~ casa, depois do enterro de minha filha, à volta de mim só existia ^a treva e ^e abandono. Vários dias foram passados sem que o amargor da revolta conseguisse abandonar meu peito, sacudido pelo vendaval tremendo daquela desgraça sem remédio. Tornei-me de tal forma violento e agressivo que os próprios empregados da casa foram, um a um, abandonando o serviço. || Só ficaste tú, Idalino. Só tú permaneceste ao meu lado, mudo e trêmulo, como uma sombra, humilde e hesitante, | mas sempre paciente... compreensivo... e resignado.

Idalino - Nêgo véio tinha munta pena do nhônô. Num podia dexá ele bandonado e

sólito numa hora tom triste. Tinha que acompanhá ele e percurá comprehendê que era a dô que ele tava sintindo que fazia ele vivê naquelle réiva.

Aloísio - Um dia eu te chamei ao meu escritório e te ordenei...

CONTROLE - PASSAGEM RÁPIDA

Aloísio - Idalino, tira essa boneca daqui. Não quero mais vê-la. Quando â tenho diante dos meus olhos, parece-me que é a minha própria filha que estou vendo e isso me faz sofrer ainda mais. Leva-a. Esconde-a em qualquer parte, mas que os meus ôlhos não a vejam mais. Nunca mais!

CONTROLE - PASSAGEM RÁPIDA

Idalino - (contando) E o nêgo véio iscundeu ela bem iscundidinha, num lugá que o nhônô num era capaiz de adiscubri.

Aloísio - No entanto, alguns dias depois, ela estava sobre a minha mesa de trabalho, olhando-me com aquele mesmo olhar sem brilho com que minha filha me fitara, talvez sem ver-me, no dia em que me deixou.

Idalino - Nhônô ficô fulo de réiva, xingô o nêgo véio e num querditô que num sêsse ele que tinha butado ela lá.

Aloísio - Tú carregaste a boneca para longe dali e outra vez a escondeste em qualquer lugar que eu não fiquei sabendo qual era, mas já no dia seguinte ela tornava a aparecer sobre a minha cama.

Idalino - E pur inquanto o nêgo véio garrava ela de novo, prá levá de vorta, o nhônô xingava otra veiz o nêgo véio e chamava ele de mintiroso.

Aloísio - E assim, quatro ou cinco vezes, a mesma cena se repetiu. Certa noite em que eu me deitára mais cêdo, a cabeça estalando de dôr e de cansaço, no momento exato em que, já com a luz apagada, procurava acomodar as cobertas sobre o meu corpo, senti que meu braço tocara em qualquer coisa extranha que, ao primeiro ^{contato} momento, não me foi possível identificar. Entre curioso e assustado, acendi rápidamente a luz e, no mesmo momento, senti-me dominado pela cólera. E foi então (afastando) que me puz a gritar, desesperado...

CONTROLE - PASSAGEM RÁPIDA.

Aloísio - (gritando, zangado) Idalino! Idalino!... Não ouves que te chamo, negro? Sobe depressa que eu tenho que ajustar contas contigo. Desta vez eu quero ver que explicações has de me dar, negro malvado. Achas que é pouco o que estou sofrendo? Que não é bastante esta dôr que me mata dia a dia? Que secreto prazer te impele a proceder

comigo de forma tão desumana e perversa? Tú não tens alma, não tens coração, não tens entranhas, demônio! (segue falando)

C/REGRA - PASSOS ARRASTADOS, DE PESSOA VELHA QUE PROCURA ANDAR DEPRESSA, VÃO SE APROXIMANDO.

Aloísio - (sem parar) Sei que me farás as mesmas juras, que me repetirás as mesmas mentiras, mas desta vez não lograrás convencer-me. Se pretendes me fazer louco, eu te expulsarei desta casa antes que tenhas conseguido alcançar o teu negro objetivo. A paciência humana tem seu limite extremo e eu já atingi esse... (para subitamente)

Idalino - (um pouco afastado) Nhônhô tá sintindo alguma cousa?

Aloísio - Estou, ^{sim. Estou sintindo} ~~sintindo, sim.~~ Ódio de morte, ouviste? Ódio de morte é o que ~~me fazes sentir~~ ^{me fazes sentir} ~~me fazes sentir~~, neste momento.

Idalino - Nêgo véio fez alguma cousa pro nhônhô, fez?

Aloísio - O teu descaramento é que inda torna maior a minha raiva. (Tom) Olha para a minha cama. (forte) Olha!

Idalino - Virge Nossa Senhora!... A boneca, traveiz!...

Operador - Acorda e vai fundo, seu castor.

Aloísio - Por que a puzeste em baixo das minhas cobertas? Pretendes enlouquecer-me?

Idalino - Nêgo véio jura pra nhônhô...

Aloísio - (corta, violento) Cala-te e não jures mais nenhuma vez, que eu já não posso mais acreditar nas tuas juras. Um sádico é o que me pareces ser. Tú te deleitas com o sofrimento dos outros e porque sabes que esta boneca acorda, no meu peito, a dôr maior que já senti, insistes em colocá-la, sempre, à frente dos meus olhos, para poderes gozar a minha infinita tortura. Mas agora chegou. Esta vez foi a última, ouviste? Quem vai dar sumiço a esta boneca sou eu. (afasta-se, falando sempre)

C/REGRA - ABRE UMA JANELA, AFASTADA.

Vou atirá-la desta janela no meio da rua e se fôres lá em baixo procurá-la, has de encontrá-la reduzida a cacos. Vou jogá-la com força para que se destroce junto às pedras da calçada. Vê, como faço.

Elisabeth - (no copo) Não, papaizinho, não quêba a minha neneca. A Bebeth gôta tanto dela!... Não quêba, papaizinho, sim?

Aloísio - Han?!... Tú ouviste, Idalino? Tú ouviste a voz dela? (Pausa) Responde, por favor, ^{Idalino.} Tú ouviste a voz dela?

Idalino - A voise de quem, nhônhô? Nego véio só uviu a voise do nhônhô xingando ele.

Aloísio - Meu Deus, meu Deus!... Tende piedade, meu Deus!... Eu estarei ficando louco?!... Eu estarei ficando louco?!...

CONTROLE - ENTRA COM CORTINA VIBRANTE, PARA FINAL DO 2º ATO.

PUBLICIDADE

3º ATO

CONTROLE - MUSICA DE ABERTURA, FUNDE COM MUSICA SUAVE QUE FICA EM B/G.

Idalino - O nêgo véio bem que arreparô que, di repente, o nhônhô ficô munto di- mudado. Tava branco que nem cera... o suô iscurria pulo rosto... dispois garrô a andá dum lado pro otro sem dizê nem uma palávria, sempre ca buneca na mão, mas sem oiá pre ela. Di repente instendeu o braço e disse pro nêgo véio guirá ela traveiz.

Aloísio - E a **noite** toda passei-a acordado, sem poder pregar olhos. Por, mais que procurasse desviar meu pensamento para qualquer outra coisa, aquela voz me voltava aos ouvidos, com a mesma nitidez dos tempos em que ela era viva.

Elisabeth - (no copo) Não quêba a minha nenêca, papaizinho. Não quêba.

Aloísio - Apavorado com o que estava se passando comigo e sem ânimo de revelar a ~~NINGUÉM~~ ^{ninguém} ~~alguem~~ o acontecido, pelo receio de que me julgassem louco, tomei, no dia seguinte, a deliberação de fugir daqui e nunca mais voltar. Lembro-me, ainda, que, no instante de partir, quando o carro já estava parado ^{lá fóra} ~~na praça~~, para conduzir-me à estação, no momento em que eu transpunha a porta, o caseão, que eu levava ao braço, prendeu-se no trinco e eu fui obrigado a retroceder. Naquele momento exato, ouvi, novamente, a voz de minha filha que me suplicava, ansiosa...

Elisabeth - (no copo) Num vai simbola, papaisinho. Fica com a Bebeth... Fica com a Bebeth... (afastando) Fica, papaisinho... fica... fica...

Aloísio - Senti que os meus cabelos se arrepiavam todos e tive um momento de indecisão. Apenas um breve momento, logo vencido pelo pavor indescri- tível de ficar. Atravessei rapidamente a calçada e entrei no carro. E naquele instante preciso, iniciei um capítulo novo de minha vida. A vida de judeu errante, que eu passaria a viver, desde então. E à medida que o tempo passava e a distância crescia, eu jurava a mim mesmo convicto: Nunca mais voltarei àquela casa. Nunca mais voltarei.

Idalino - E praquê arresorveu de vortá, nhônhô?, inda que mar prigunte?

Aloísio - Porque eu vivia numa tremenda luta interior que não era mais possível continuar. A luta entre o desejo ardente de esquecer e o remorso de alcançar, o esquecimento desejado. A disputa entre o empenho de afastar as lembranças do passado e o afan de reviver, pela saudade, esse mesmo passado. A peleja entre o mistér de abandonar a recordação de minha filha e o desespero de pensar que a sua lembrança me tivesse, afinal, abandonado. Eu queria e não queria; estás entendendo?

Idalino - Nêgo véio tá intendendo, sim, nhônhô.

Aloísio - E depois de vários anos dessa luta insana, em que o passado fugia e voltava e voltava e fugia, uma estranha força, maior do que a minha vontade, levou-me a pensar com insistência no dia de amanhã. Dia 26 de Setembro do ano de 1955. Sabes o que quer dizer esse dia?

Idalino - Nêgo véio sabe, sim, nhônhô. A minininha fazia quinze ano, aminhã.

Aloísio - Quinze anos, Idalino! Quinze anos faria ela, amanhã, se estivesse aqui. Eu já havia projetado, com enorme antecedencia, uma festa maravilhosa. Já pensara, até, no presente que lhe compraria. E acho que de tanto pensar nessa festa frustrada, acabei sonhando com ela, poucas noites atrás. E antes, nunca havia sonhado com minha filha, tú sabes?

Idalino - Nunca, nhônhô?

Aloísio - Nunca. Por estranho que pareça, mesmo nos primeiros tempos, quando o meu pensamento não podia se desligar da sua lembrança, ainda assim, nem uma única vez, em sonhos, a sua imagem se apresentou à frente dos meus olhos. Pois bem, desde que a data dos seus quinze anos começou a se aproximar, ^{mesmo sem que o desejasse,} eu comecei a pensar na festa que lhe imaginara dar e que não poderia mais fazer. E ha uma semana, mais ou menos, sonhei com essa festa. A casa era outra e bem longe daqui. Elisabeth estava já uma mocinha, mas guardava, ainda, os mesmos cabelos louros e encaracolados e os mesmos olhos de um azul profundo e luminoso, refletindo toda a beleza de um céu de primavera. Veio a mim, num vestido de tule da côr dos seus olhos e me falou tristemente:

Elisabeth - (15 anos) Paisinho, eu não quero nada disso que estás preparando para mim. Si me queres ver realmente feliz, vai lá na outra casa e, em cima da minha cama, has de encontrar o presente que desejo.

Aloísio - Este sonho não se desligou mais, um só instante, do meu pensamento, Idalino... e foi por isso que vim.

Idalino - Era a boneca, entonce, que a coitadinha tava querendo, nhônhô.

Aloísio - Aí está a prova. Em cima da caminha dela, tal como me disse no sonho. Ela desejava estar perto de mim, mas estava presa ao brinquedo que mais amara na vida. E só agora compreendo porque, longe da qui, jamais escutei a sua voz, como naquela noite e nem sequer me apareceu em sonhos. ^(RT) Vou levá-la para o meu quarto, agora e, quando partir, irá também comigo.

Idalino - (abafado) Nhônhô!... Será que o nêgo véio tá vendo memo uma coisa ou será os ôio dele que tão mintindo pre ele?!...

Aloísio - Que é que estás vendo, Idalino?

Idalino - A boneca... tá se rindo, nhônhô!... Quando o Nhônhô pegô ela da cama da minininha pra levá pro qualto dele, o nêgo véio viu bem derei tinho que ela dimudô a boca e ficô si rindo, mêmô cumo tá agora, veja! (Pausa) O nhônhô se alembra que inhante ela num tinha a boca anssin?

Aloísio - Lembro-me, sim, Idalino. É minha filha que está sorrindo, feliz, pelos lábios da sua boneca querida. É ela, sim, Idalino, eu sinto que é ela, da mesma forma que sinto a sua felicidade por ter conseguido reunir, afinal, os seus dois amores. E agora vamos dormir que é já bastante tarde, meu bom amigo.

Idalino - Bamo, sim, nhônhô, bamo drumi. Nossa Senhora das Candeia le dê uma bôa noute, nhônhô. Que o Nhônhô possa drumi adescansado com a grácia de Deuse.

Aloísio - Obrigado, Idalino. Vou ter uma bôa noite, sim, / não tenho dúvidas. Vou dormir com ^{meu} coração tranquilo e feliz porque sinto que, neste momento, ^{minha} a ~~me~~ acaba de me restituir a filha querida que, ha nove anos atraz, aqui neste mesmo quarto, a morte me havia roubado.

Idalino - Deus xege louvado, nhônhô! Deus xege louvado!...

Aloísio - (depois de pausa) Bôa noite, Idalino.

Idalino - (idem) Boa noute, nhônhô!...

CONTROLE - CARACTERÍSTICA GRANDIOSA PARA FINAL DO TERCEIRO ATO.